

Ariston S. Teles

O Mundo de Francisco de Assis

**Espíritos
Tagore e Damiano**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O MUNDO DE FRANCISCO DE ASSIS

RABINDRANATH TAGORE

(Psicografado por **Ariston S. Teles**)

ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
EXPLICAÇÃO.....	2
1 - NOVA DIMENSÃO.....	2
2 - FLASH BIOGRÁFICO.....	3
3 - REVOLUÇÃO ANÍMICA.....	4
4 - UM FILHO ESTRANHO.....	5
5 - REVOLUCIONÁRIO.....	6
6 - MÉDIUM DO CRISTO.....	8
7 - POETA.....	9
8 - UNIVERSALISTA.....	10
9 - MÍSTICO.....	11
10 - MISSIONÁRIO.....	12
11 - ENTRE A SOMBRA E A LUZ.....	13
12 - A EQUIPE.....	14
13 - A ENERGIA DO AMOR.....	14
14 - PRISIONEIRO DA PAZ.....	16
15 - A POESIA DO AMOR.....	17
16 - UMA NOITE COM OS IRMÃOS MORCEGOS.....	18
17 - UMA NOIVA CHAMADA POBREZA.....	19
18 - PRESENÇA DO CRISTO.....	20
19 - AS CHAMAS DO AMOR.....	21
20 - A CIÊNCIA DA HUMILDADE.....	22
21 - CORPO E ALMA.....	23
22 - INIMIGOS.....	24
23 - POBREZA - CASTIDADE - OBEDIÊNCIA.....	25
24 - PARÁBOLA DE FRANCISCO.....	26
25 - OS HANSENIANOS.....	27
26 - UM ESPÍRITO MISTIFICADOR.....	28
27 - OBSESSÃO NO CONVENTO.....	30
28 - PÃO E AMOR.....	30
29 - NO MONTE ALVERNE.....	31
30 - A DESPEDIDA.....	33

"No Monte de São Francisco Desce um orvalho de luz... E os "pobrezinhos" em êxtase, Contemplam o Cristo Jesus ¹ ."	Lembro-me da revolução que foi para mim o dia em que travei relações com Francisco de Assis. Torno a repetir: convido-vos a um clima franciscano ² .
Muito pouco vale o império que eu su- jeitei com minha espada, comparado ao que São Francisco aprisionou com seu cordão ³ .	Num mistério de sobre-humana paixão, o Cristo, compungido, abre os braços na Cruz e São Francisco, no Alverne, abre os braços ao Cristo ⁴ .
São Francisco é atual porque é o profe- ta da Pobreza ⁵ .	Gravitar para a unidade divina, esse é o ob- jetivo da Humanidade ⁶ .

EXPLICAÇÃO

Há algum tempo, pesquisando sobre a vida de Francisco de Assis, ocorreu-me a idéia de elaborar um trabalho dessa natureza. Imediatamente passei a rascunhar trechos e casos, o que, em seguida, por força de circunstâncias, foi engavetado.

Mais tarde psicografei uma página do Espírito Rabindranath Tagore em torno do assunto, intitulada **Revolução anímica**, que achei por bem inserir no trabalho planejado.

Transcorrido mais algum tempo, a mesma entidade apareceu-me e escreveu uma série de pequenos poemas, inspirados na personalidade e missão do apóstolo da Úmbria.

No dia imediato, apanhei todo o material e cuidei de passa-lo a limpo, o que foi feito sob a assistência do generoso mentor, cuja presença pode ser percebida em todas as páginas deste livro⁷.

1 - NOVA DIMENSÃO

Amanhece. No momento em que o lápis é impulsionado a escrever o espaço é invadido por um clima de confiança e tranqüilidade.

Levanta-se uma interrogação: "já pensou na responsabilidade que se assume com a publicação de livro sobre a vida de Francisco de Assis?"

O amor puro é bússola e o otimismo é luz - eis a resposta.

Mergulhemos para o Alto, buscando sentir a vontade da Grande Lei...

Sim, vale a pena o esforço! Representará uma flor singela, mas verdadeira, oferecida a todos aqueles que também sintam o mesmo grande amor pelas coisas do espírito.

O pensamento viaja no tempo e no espaço, e traz para a tela da mente quadros bucólicos e serenos, místicos e barulhentos da Itália do século XIII.

¹ Casimiro Cunha.

² Jorge de Lima.

³ Napoleão Bonaparte.

⁴ Pietro Ubaldi.

⁵ Paulo VI.

⁶ Paulo, o apóstolo.

⁷ Ariston S. Teles (Jan/84).

Nas ruas tortuosas de Assis aparece um jovem rico, decidido a romper de uma só vez com todos os vínculos que o prendem aos convecionalismos mundanos. Seu caminho será outro, feito de pobreza e amor, humildade e alegria.

O conflito é profundo.

- Sinto-me, só, triste e angustiado.

- Calma. Solidão é a vida girando em torno dela mesma, movimento contrário à dinâmica natural do Universo, a Lei Abre, sutaliza, expande, harmoniza e ilumina.

- Sou um insatisfeito.

- Isso pode ser produto do medo ou da incerteza, reflexo do egoísmo.

O tempo passa entre nuvens de sofrimento e lampejos de esperança.

Em dado momento o jovem Francisco ouve uma Voz doce e enérgica:

**Há luz lá fora! Noutros espaços há pássaros que cantam,
mares que se agitam, crianças em festa, flores desbrochadas,
árvores dançando aos embalos do vento!
Diluem-se as camadas do personalismo.
Os olhos reabrem-se para o infinito.
Raios de Alegria penetram os abismos da alma.
Enfim, rasgam-se as vestes da vaidade
e um soluço de Amor ecoa além dos horizontes!...**

Este pequeno livro refletirá a busca das origens para um mundo de precipitações; a conquista de soluções simples em momento de crises aparentemente difíceis; a procura do perfume que há nas coisas de Deus.

Essa noite nos ocorreu experiência das mais gratificantes: éramos três, incluindo alguém projetado da cápsula carnal. À nossa frente imenso campo coberto de flores. Houve afetuoso diálogo em comunhão com o Cristo. Finalizando o encontro, fitamos os montes longínquos para melhor sentir as belezas do alvorecer.

Recordamo-nos agora que o biógrafo Walter Nigg dissera: "São Francisco só pode ser comparado com o Sol Nascente e a primavera que desabrocha".

Concitemos, pois, o leitor amigo a apreciar conosco tonalidades deste novo e eterno Dia.

Esforços de síntese, focalizando a essência de uma vida, sem aparatos biográficos ou históricos. Vida maior, consciência mais ampla, nova dimensão.

2 - FLASH BIOGRÁFICO

Francisco nasceu na cidade italiana de Assis em 1182 e desencarnou lá nas proximidades, no bosque da Porciúncula, em 1226.

Seus pais chamavam-se Pietro Bernardone e Pica Bernardone. Ele, alto comerciante de tecidos; ela, alma sensível e mansa, dedicava-se aos labores domésticos. Ele era a personificação do vendaval, enquanto a esposa lembrava a brisa.

Nessa época a Itália tinha grande destaque, sobretudo pelo fato de centralizar, como ainda hoje ocorre, o movimento católico apostólico romano.

O papa era tido e venerado como rei dos reis, representante e porta-voz infalível de Deus, mesmo que o seu comportamento fosse o mais deplorável possível.

O mundo sempre se deixou fascinar pela deusa das aparências.

Na época havia um natural e abafado conflito entre a alma do povo e o Clero, decorrente dum flagrante equívoco representativo e de constantes e vergonhosos atritos de natureza político-religiosa.

Curiosamente, entre as próprias muralhas da Igreja Romana reencarnou e viveu aquele que mais tarde seria considerado o mais autêntico seguidor do Divino Mestre.

**Entre neblinas de ignorância,
no chão lodacento de tristezas e derrotas,
ao Sol Nascente da bonança,
encontrei uma flor simples e humilde,
porém, a mais perfumosa entre todas
aquelas que compõem o jardim do Cristo.**

3 - REVOLUÇÃO ANÍMICA

O rapaz dormia tranqüilamente.

Seu pensamento voava que nem passarinho nas manhãs de primavera.

Sonhos coloridos traziam-lhe ao coração sentimentos de infinita paz.

Ouvia a sublime música da Natureza.

Ainda convalescente, não tinha forças para levantar e sair, como doutras vezes.

Na palidez de sua face repousava uma sensação de profunda serenidade.

Às cinco horas da manhã alguém entra no quarto, toca-lhe a destra suavemente, ele abre os olhos e vê sua mãezinha.

- Bom dia, Francisco!

- Bom dia, mamãe!

- Como estás, meu filho?

- Bem. Tive sonhos lindos... Pássaros, nuvens, campos, flores...

Após pequeno intervalo, prossegue:

- Mamãe, não sei o que se passa comigo. Nesta fase de doença, minha alma tem chorado muito. Sentimentos de profunda piedade sacodem meu coração. Ouço gemidos vindos de toda parte. Parece que as coisas têm alma e voz...

O jovem não pôde conter as lágrimas quentes a lhe borbulharem dos olhos.

- Meu filho, isso são coisas da própria enfermidade. São, talvez, delírios. Desanuvia a mente e começa a pensar nas coisas reais da vida.

- Obrigado, mamãe!

Adormeceu novamente enquanto sua genitora afastava-se em passos lentos.

Seu amado filho mostrava-se bem recuperado.

Um ar de esperança reinava no ambiente.

Manhã de sol...

Brisa perfumosa vagueia pelo espaço límpido e penetra o aposento em que dormia o jovem Francisco.

- Acorda mancebo! - diz mansamente a voz do alvorecer - Desperta! Abre os olhos da alma! Contempla o Desconhecido!

A última estrela continua cintilando nas Alturas.

- Ergue-te e ouve o cântico dos pardais! A natureza te saúda.

- Vem, Francisco! O campo viridente, salpicado de flores mimosas, abre a cortina do Mistério e aguarda tua passagem.

Finalmente o moço, entre a debilidade física e a força do espírito, levanta-se.

E vai andando ao encontro do Sol, deparando-se com os pássaros da surpresa a saltitarem nos galhos do Destino.

- Vem, Francisco! Deus te convida para o banquete do Amor no palácio invisível da Alegria. O dia está chegando... O amanhecer de tua missão é agora.

4 - UM FILHO ESTRANHO

Bernardone trabalhava com tecidos e ocupava status na sociedade italiana, graças ao expressivo progresso de sua empresa.

Nutria honroso desejo: ver seu filho também na crista dos grandes negócios. Francisco seria seu sucessor.

O comportamento do menino demonstrava isso. Ele era inteligente, dedicado, comunicativo, alegre, extrovertido.

Mas, na medida em que ultrapassa a adolescência, começa a desinteressar-se pelos empreendimentos do pai, e entrega-se a uma vida de devaneios. Todo o dinheiro que lhe chegava às mãos era gasto em festas.

Tinha imenso e indisfarçável prazer em distribuir as alegrias espontâneas de sua alma. Comportava-se como príncipe popular.

Nessa ocasião a Itália parecia arquipélago cujas ilhas eram suas cidades cercadas de estranhos e inimigos por todos os lados. Isso gerava freqüentes guerras e conflitos, desagregando famílias e destacando o Cavaleirismo.

O bom cavaleiro na Europa da Idade Média equivale ao piloto de fórmula 1 da atualidade. E essa era a meta de Francisco.

Por ser espírito corajoso, descontraído e livre, buscava de alguma forma participar intensamente da vida social. Queria ser grande, mesmo que isso lhe custasse suor e sangue. Sentia-se intimamente líder acorrentado pelas contingências do destino.

Como aplacar ou direcionar esse potencial? Para onde seguia o rio de suas forças íntimas? Qual o fim de tudo?

Travou-se-lhe o conflito entre a centelha divina e a personalidade humana. Parecia não haver espaço para expansão dessa centelha.

Tudo em volta constituía convite aos prazeres sensórios.

Vacilante, Francisco deixa-se atrair, qual filhote de andorinha, pelos fortes ventos das ilusões.

Após alguns dissabores, eis que surge uma oportunidade promissora e honrosa para ele e para a família.

Assis estava em guerra contra Perúsia. Sem relutância, o rapaz alista-se para defender sua gente e, sob olhar esperançoso dos amigos e familiares, enverga a indumentária de combatente, sobe ao cavalo e parte.

Não houve o sucesso que se esperava.

O vibrante soldado é raptado e preso pelos inimigos. Priva-se da liberdade que tanto amava. Mas, foi nesse cárcere, em Spoleto, que pôde meditar e refletir profundamente sobre a complexidade da vida humana.

Quando certa noite procurava, intuitivamente, ouvir a música das estrelas, recebeu estranha visita.

A voz que o acompanhava a séculos, falou à sua alma, convidando-o a uma tomada de posição em consonância com a vontade de Deus.

Passam-se os dias e as noites, e as energias de Francisco são diluídas numa nova luz.

Quando retornou ao lar demonstrava íntima mudança. Pouco tempo depois adoeceu e novamente ouviu a doce e misteriosa voz.

O tempo passa enquanto acontecia um processo de incompatibilização entre ele e a posição social da família.

Numa bela tarde, quando cavalgava nas proximidades de Assis, encontrou um homem com estranha aparência. Aproximou-se e viu que se tratava de leproso - pobre criatura a perambular pelos campos, em condições lamentáveis; trapo humano, sem forças, nem esperanças.

O filho de Bernardone cumprimentou-o respeitosamente e, profundamente comovido, desceu do animal e dirigiu-lhe palavras de fraternal carinho.

Sentia-se em drama íntimo. Quem será mesmo esse homem? Estou diante de um ser imundo ou de um filho de Deus, credor de toda a minha atenção?

Sem delongas, dissipando as nuvens da própria personalidade, pediu as mãos do hanseniano e beijou-as.

Agora o amor borbulhava em seu coração como gotas de luz.

Nesse sublime encontro com a dor alheia Francisco mostrava-se realmente transformado.

**A flor surgiu do limo, em terra inculta,
mas com o tempo foi criando raízes e desabrochou,
sendo acariciada pela brisa da paz;
e assim passou a exteriorizar seu perfume
no espaço de todos os corações.**

5 - REVOLUCIONÁRIO

Começava uma grande revolução. O homem velho dava lugar ao novo. Agora Francisco percebia a verdadeira sendo do seu destino. Não havia nascido por acaso.

Pensou na possibilidade de um trabalho em que pudesse oferecer algo de si mesmo, a rosa que trazia na alma.

Na época havia muitas igrejas e conventos em ruínas. Então, a meta inicial seria reconstruir igrejas.

Tendo diferente conceito de valor, chegou mesmo a gastar algum dinheiro do pai nessas reformas, o que provocou frontal e escandaloso desentendimento.

Mas, em ato público, na presença do bispo Guido, devolveu ao genitor nem só a bolsa de dinheiro com também as vestes do corpo... e o próprio nome.

Se no encontro com o leproso ele transformara repugnância em amor, agora renuncia a tudo para tudo dominar. Virando as costas à riqueza material, fita os horizontes longínquos e diz: "eu irei ao encontro do meu Senhor!"

Isso significou, por assim dizer, um salto no Desconhecido.

Há trechos na vida em que a alma tem de desnudar-se, deixando para trás a roupagem de seus convencionalismos. É assim que a centelha divina projeta livremente seus raios, dissipando as trevas da ignorância e iluminando o mundo.

Francisco foi um sublime revolucionário. Seu exemplo e sua palavra geraram profundas transformações no Planeta.

A rigor, ele nunca foi um pobre, nem um católico convencional; foi Cristão. Vestiu o hábito e adotou determinados formalismos, apenas circunstancialmente. Seu compromisso espiritual era particularmente com a Igreja Romana, portanto tinha de haver alguma semelhança externa, entre ele e os sacerdotes oficiais.

Uma vez, quando o seu movimento já assumia certa proporção, com atividades, inclusive em outros países, e começava a se desnaturar com o organizacionismo, o frei Pedro de Catani, demonstrando excessivos cuidados, sugeriu que grande parte do dinheiro renunciado pelos novos irmãos fosse gasto não mais com o famintos e miseráveis, e sim com as necessidades burocráticas e materiais da igreja da Porciúncula e de toda a Ordem.

Compreendendo a gravidade da situação que já envolvia muitos membros, Francisco, frente a frente com o companheiro talvez influenciado pela cúpula eclesiástica, reagiu energeticamente: "Toma os ornamentos do altar e vai vendê-los! Vale mais ter-se um altar nu e seguir-se o Evangelho, do que ter-se um altar ricamente adornado e desobedecer ao Evangelho!"

Com esse argumento dirimiu dúvidas e reacendeu a luz do Evangelho.

Doutra feita ele precisou falar com o papa Inocêncio III, em Orvieto, que não pôde atendê-lo por estar numa importante conferência de cúpula.

Francisco então deitou-se à porta do palácio como se fosse um mendigo comum. Quando viu Sua Santidade saindo, ergueu-se e falou: "Senhor, já que tendes um alto cargo e muitas vezes estais ocupado com negócios importantes, os pobres nem sempre podem ser recebidos por vós..."

Aproveitou a oportunidade e fez verdadeira pregação evangélica ao Sumo Pontífice e sua comitiva. Esse acontecimento desencadeou comentários em toda parte.

A revolução acionada por Francisco de Assis foi e continua sendo de grande repercussão. Sacudiu a alma do povo. Mostrou a todos, pela palavra, mas principalmente pelo exemplo, o verdadeiro sentido do Evangelho.

Os biógrafos chegam a dizer que Francisco, além de ter dado aos pobres uma condição social, quase transforma o papa em cristão.

Aliás, afirmou Napoleão, que muito pouco vale o império que ele sujeitou com sua espada, comparado ao que Francisco aprisionou com o seu cordão.

**Seu mundo era outro, feito de amor e verdade,
além dos horizontes e das fronteiras,
acima dos folguedos da vaidade.
Desceu ao Planeta
qual semente a trazer nas entranhas
as cores e o aroma do Céu.**

6 - MÉDIUM DO CRISTO

Esta epígrafe, apesar de sua elevadíssima acepção, enquadra-se perfeitamente ao caso de Francisco de Assis.

Ele via, ouvia e sentia os Espíritos. Em ocasiões especiais era visitado pelo Cristo-Jesus, cujas vibrações lhe provocavam êxtase.

Certa ocasião pernoitava num convento onde também uma criança, parente de frade ali residente, passava temporada.

Quando todos estavam dormindo, despertou e saiu sozinho para um bosque próximo. O garoto foi atrás até que, em dado momento, ficou atônito ao observar "pai Francisco" conversando com um grupo de "almas do outro mundo".

No dia imediato todos ficaram sabendo que o "pobrezinho" estivera com os "santos" durante a noite.

Vejamos outro exemplo que evidencia a sua capacidade extrasensorial:

Francisco estava enfermo, tendo frei Leão ao seu lado, dando-lhe assistência. Este, entrando em prece, tem um visão: percebe grande rio. Muita gente tentando atravessa-lo. Uns, conseguem; outros, não.

Passado o transe, Francisco inspiradamente interroga-lhe sobre o ocorrido e interpreta a visão.

O imenso rio que você acaba de ver representa o mundo com suas dificuldades e perigos; as pessoas tentando transpô-lo, somos todos nós. Os incrédulos, vaidosos e egoístas são afogados nas águas do mal, mas aqueles que confiam em Deus e em si mesmos, perseverando na fé e na caridade, estes chegarão à outra margem da existência, felizes e salvos.

Casos dessa natureza aconteciam freqüentemente.

A regra de 1223, foi um ditado mediúnico. A própria entidade espiritual confirmou o fato na presença de muita gente.

Francisco entra em prece antes de escrever o documento doutrinário. Subitamente ouve "alguém" ao seu lado que passou a ditar os itens da exposição que seria regra para o movimento.

Quando o Poverello, em reunião, transmite aos companheiros o conteúdo, ou seja, a mensagem recebida, o próprio autor espiritual se fez ouvir através duma voz que vibrava no recinto sem incorporação mediúcnica, isto é, por "voz direta".

Aliás, sabiam seus discípulos que ele era constantemente orientado pelo "Espírito Santo", o que significava dizer que uma entidade iluminada guiava ostensivamente seus passos, comunicando-se pela vidência, audiência ou pela inspiração.

Os biógrafos falam sempre de santo, quando se referem aos seres desencarnados que se comunicam com Francisco e seus discípulos. Aí reside uma questão de preconceitos. Usam nomes veneráveis para evitar que se pense em ligação ou pacto com os "mortos" ou com os "demônios". É uma maneira de bloquear tais cogitações, embora a verdade seja outra.

Moisés, Buda, Zoroastro, Maria, Paulo, Antônio, Ricardo, Joaquim, Helena, Severino, enfim, todos são filhos de Deus, sujeitos à mesma lei de evolução.

Inegavelmente, frei Francisco possuía faculdades meianímicas. Convivia intensamente com os habitantes do plano invisível. E pela sublimidade do seu comportamento, podia tranquilamente sintonizar-se com o próprio Cristo.

**O Sol é seu mais importante refúgio,
sua fonte de inspiração,
seu manancial de forças...
Nas suas asas transparentes,
conseguiu refletir as divinas claridades do Amor.**

7 - POETA

A poesia está diretamente ligada ao coração.

Se alguém, pela primeira vez admira uma flor e se inclina para beijá-la, começa a sentir a realidade da poesia, passa a ser poeta.

O verdadeiro poeta é aquele que sabe descobrir e transmitir a beleza das coisas.

Assim, Francisco de Assis, foi grande poeta. Refletia na própria alma as maravilhas da Natureza e a presença de Deus. Por isso, amava intensamente a vida.

Seus olhos eram dois espelhos onde as pessoas comuns também podiam contemplar o Belo.

Aliás, sua existência é, em si, um poema que fala de passarinhos, bosques, estrelas, ninhos, flores, sol, lua, água, pão, música, alegria.

O ser, cuja sensibilidade, por efeito de maturação espiritual, atingiu mais alta visão das coisas, reflete pelas palavras e pelo comportamento a arte implícita e explícita no Universo.

Só assim entendemos porque a vida de Francisco foi um "peregrinar cantando". Ele estava sempre em harmonia com a Vontade Divina.

Desprendido dos prazeres propriamente mundanos, sintonizava naturalmente a melodia da Criação, gozando alegria cada vez mais profunda: a alegria que brotava do coração puro.

Uma vez perguntaram-lhe sobre seu desaparego dos gozos terrenos, e ele respondeu: "Um trovador de Deus não deve possuir nada além de sua harpa".

Andando por entre flores e pássaros, clamava:

"Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o irmão Sol, que faz o dia pelo qual nos ilumina. Ele é belo e radiante: com grande esplendor nele a tua imagem aparece, ó Altíssimo!"

**Sua religião recendia cores,
paisagens naturais, aromas silvestres,
cânticos primaveris, simplicidade.
Sua religião era em si um poema vivo.
Nunca deixou de cantar as maravilhas
da verdadeira vida.
Um poeta solitário, solidário e feliz.**

8 - UNIVERSALISTA

"São Francisco, pela amigável união que estabeleceu com todas as coisas, parecia ter voltado ao primitivo estado de inocência." (S. Boaventura)

O universo é organismo único, movido pelo pensamento infalível, imutável e soberano de Deus. Na diversidade das coisas e dos seres repousa a unidade desse pensamento.

Se nos fosse dada agora a oportunidade de ter uma visão panorâmica do cosmos, veríamos um conjunto harmônico de luzes encadeadas num movimento contínuo de transformação e ascensão.

Tudo faz parte do Todo, cuja essência chama-se Deus. Por isso, Francisco de Assis, tratava a tudo e a todos de irmãos - irmão sol, irmã água, irmão fogo, irmã árvore, irmãos pássaros, irmã noite, irmã dor, irmãs formigas.

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, afirma que tudo na Natureza se encadeia, e Henry Thomaz diz que Francisco considerava-se participante desse poema infinito. Para ele tudo tinha vida e estava interligado.

Todos nós somos notas musicais no concerto cósmico, mas são poucos os que têm consciência disso. Francisco guardava essa certeza e era uma nota afinadíssima.

É fácil perceber, assim, o alto nível de consciência desse homem que soube morrer para as fantasias do mundo a fim de renascer para Deus.

Aliás, ele mesmo dizia: "morrendo é que nascemos..." Anulou-se para os apelos da vaidade humana, e se fez instrumento da paz universal.

**Pensava: entre eu e as coisas
e os seres não deve haver distâncias
ou distinções substanciais.
Estou me diluindo em Deus,
permanecendo eu mesmo, e se Deus está em tudo,
em tudo também eu estarei progressivamente,
e devo expandir sempre o amor que nasce na
fonte sagrada de meu coração.**

9 - MÍSTICO

O problema da erudição e do conhecimento é muito sério principalmente na visão de Francisco. Com ele reconhecemos dois tipos de ação de apego ou avareza: material e intelectual.

O primeiro, por demais conhecida, se caracterizava pelos bens materiais; o segundo, pelos bens intelectuais.

O homem habituou-se ao "ter", ainda não despertou para o "ser". Ter dinheiro ou conhecimento pode representar fator de crescimento espiritual, mas quase sempre constitui obstáculo imposto pela vaidade e pelo egoísmo.

Francisco sabia realizar o máximo com o mínimo. Quantidade pode significar peso; peso, obstáculo; obstáculo, prisão. Por outro lado, qualidade geralmente corresponde ao imponderável e este a liberdade.

O conhecimento em si é instrumento. Tudo é questão de saber utilizar. Seria incoerência alguém viver todo o tempo armazenando informações, sem adequada aplicação. Esse, infelizmente, é o caso de muitos homens eruditos.

Quanto ao problema do misticismo, vale lembrar que o vocábulo em si nada tem a ver com as deturpações feitas em torno dele. Místico quer dizer religioso. É aquele que vive intensamente as realidades do espírito.

Entre o erudito e o místico a diferença básica é a seguinte: o primeiro, conhece muito, fez do seu cérebro um computador, mas pouco ou negativamente utiliza dessa bagagem, levando vida, por assim dizer, horizontal, rente ao imediatismo do dia-a-dia; o segundo, ainda que possua pouco conhecimento, faz da própria alma espelho a refletir os valores transcendentais da vida. distribuindo conhecimentos e mantendo sua consciência em linha vertical, isto é, em permanente contato com a Vontade de Deus.

Dizia Francisco: "Qual dos dois é o mais rico: o que não possui senão pequeno jardim, mas o faz frutificar ou o que possui a terra inteira e dela não tira proveito algum?"

Esse jardim simboliza muito bem a sabedoria, ou seja, o conhecimento iluminado pelo amor.

A mística franciscana se opunha ao anacoretismo. Era a mística racional do Evangelho, traduzindo-se em oração e trabalho, estudo e amor a benefícios de todos.

Henry Thomas assegura que a felicidade de Francisco de Assis era imensa, porque ele pensava muito pouco em si e muito nos outros.

Em razão dessa dinâmica que soube dar à própria vida, pouco a pouco tornava-se respeitado e amado pelas multidões.

Vivia no afã de imitar o Cristo, mas - salientam os biógrafos - não apenas no **fazer** e sim no **ser**. Por essa razão chega a ser considerado "uma oração transformada em homem".

Pelas estradas íngremes, jamais preocupou-se com as pedras que pudessem ferir seus pés.

**As pedras, espinhos e calhaus da vida formavam vistoso tapete...
o tapete do sacrifício depurador.**

Que importam as dores, se sua alma repousava sempre na paz dos campos verdejantes?

Melhor mesmo é agradecer e amar sempre.

10 - MISSIONÁRIO

Diante do que expomos até aqui, torna-se evidente que Francisco de Assis não veio ao mundo sem um objetivo muito nobre, sob a inspiração e proteção dos Planos da Luz.

Quando ele visitou o papa Inocêncio III, causou tão forte impressão que dias depois o Sumo Pontífice teve o seguinte sonho: viu a igreja de São Pedro em ruínas; suas paredes balançavam como se fossem cair. Nesse instante, ante a sua perplexidade, surgiu um homem por trás das colunas. Era exatamente aquela figura humilde que lhe beijara o anel fazia pouco tempo. Francisco aparecia e agigantava-se entre as paredes, sustentando-as com os braços.

Horas depois Inocêncio III desperta, convicto da extraordinária missão de Francisco.

Indubitavelmente, o compromisso que ele assumira no Espaço antes de reencarnar, foi o de promover a reconstrução espiritual da igreja. Esse foi o propósito de Jesus, permitindo que retornasse ao mundo um dos seus grandes apóstolos.

Francisco viveu dando cumprimento a tão expressivo ministério e nunca se deixou envolver por interesses pessoais nem tampouco assumiu qualquer posição de natureza política.

Consoante afirmação de J. Joergensen: "umas vezes refugiava-se nas grutas solitárias, outras vezes trabalhava piedosamente em restaurar igrejas",

A reconstrução material para ele mesmo era mais um símbolo do que uma função. Símbolo de sua importantíssima tarefa de regeneração da consciência humana.

Jamais olvidou os cuidados espirituais de que as pessoas necessitassem. Conversando com os discípulos, recomendava: "Todos os nossos hóspedes devem ser acolhidos como se fossem Jesus Cristo."

Seu magnetismo pessoal não apenas sugestionava as criaturas; tocava-lhes o coração profundamente, deixando aí o perfume da paz.

Unificava as atividades do seu Movimento não somente com a beleza e objetividade de suas idéias, mas com o poder dos sentimentos que irradiava. "Toda a multidão de crentes, não formava senão um coração e uma alma."

Quando o Cardeal Hugolino o apresentou para juntamente com seus companheiros, assumirem altos cargos no Clero, ele respondeu: "Meus irmãos e eu somos **minores** e a Deus não praza nos tornemos **majores**".

Nas mais diferentes circunstâncias, Francisco de Assis dava provas de ser um predestinado.

Atualmente, quando o mundo se agita em frêmitos de desespero e dúvida, conflito e dor, degradação e lágrimas, consideramos muito oportuno, estudos e divulgação, à luz da Doutrina Espírita, das palavras e exemplos desse arauto da nova era que ainda está por acontecer.

**Da argila - plasma de Luz -,
em elaboração ainda enigmática para a ótica do homem terrestre, teve origem be-
líssimo vaso...**

**Dele o Senhor faria uso para levar a todos os seus súditos o néctar do divino recon-
forto.**

11 - ENTRE A SOMBRA E A LUZ

Nos primeiros meses após a grande decisão, Francisco, sem lare sem amigos, buscava o contato mais pleno com a Natureza e passou a dormir em grutas, à semelhança de mendigos vulgares.

O problema da família não se tornou mais grave, graças às constantes viagens de seu pai. Na época Pedro Bernardone passava temporadas fora de casa, cuidando dos negócios.

Francisco era médium. Ouvia sempre a palavra dos Espíritos e do próprio Jesus. Poder-se-ia dizer que ele, principalmente depois da visão em Spoleto, recebia freqüentes orientações do Plano Espiritual Superior. Daí a necessidade de auto-disciplina, trabalho, recolhimento e oração.

Sentia-se transferindo para outro campo o potencial de suas energias. Jamais foi inoperante; não se deve entender que o retiro nas grutas ou nos bosques representasse fuga ou ociosidade. É tudo um problema de nível espiritual. Ele, como Espírito, pertencia a Esfera muito elevada.

Convivia com as pessoas em comum, porém, em certos momentos buscava o silêncio e a meditação, onde renovava suas forças íntimas para a continuidade da missão.

Começava Francisco, embora muito jovem, a abandonar-se. Renunciando às naturais tendências de prazer egocêntrico, procurava integrar-se no espírito do Evangelho.

Importante lembra na medida da transformação de seu comportamento, a Lei da Vida reagia com experiências interiores que ele mesmo não sabia traduzir. A sensação de felicidade ganhava novas dimensões em sua alma.

Mas a tentação existe por necessária ao posicionamento da consciência perante Deus. Assim, o jovem místico, vez por outra, era visitado por Entidades malévolas.

Um dia, determinado Espírito chegou aos seus ouvidos e disse:

- Quer renunciar a tudo isso, abandonar tudo? Quer deixar a vida e o sol, os amigos e a alegria, os banquetes e as canções, para te encerrares numa caverna sombria, estragando o melhor de tua juventude em inúteis orações? Serás transformado em velho louco a se arrastar miseravelmente, de igreja em igreja, e talvez suspires com a vida completamente perdida.

Francisco, nessas horas sentia-se muito mal, sensação de desânimo invadia-lhe o coração, e punha-se a refletir sobre a verdadeira vontade de Deus. Entre a dúvida e a coragem, entrava em monólogo: qual o caminho a seguir? Onde está a luz? E entregava-se às penitências. Orava com tanto fervor que a resposta dos Céus não tardava:

- Francisco, todas as coisas e situações que os teus sentidos desejam, é necessário que as desprezes, se, de fato, queres viver segundo a minha vontade!

Uma onda de imensa alegria dominava-lhe por inteiro, e assim reconhecia a presença do Excelso Mestre.

Após esses celestes contatos, o filho de Bernardone sentia-se mais forte e disposto a prosseguir renunciando, servindo, perdoando. Valia a pena. Queria realmente esvaziar a alma de todas as preocupações materiais, em função de uma vida nova, plena de humildade e de amor.

Se bebo na fonte de meus prazeres, não me satisfaço;

mas se busco o manancial de Tuas alegrias, eu me realizo, Senhor!

12 - A EQUIPE

O esquema de trabalho apostólico de Francisco muito se assemelha ao desenvolvido pelo Mestre Jesus: um líder e doze companheiros desprendidos e humildes.

Entre um caso e outro houve inclusive constantes fenômenos mediúnicos. O mundo espiritual esteve presente com as mais variadas manifestações.

Frei Egídio desdobra-se psiquicamente ao "terceiro céu", Felipe Longo "foi tocado nos lábios por um anjo com um carvão em brasa", Silvestre fala com o Cristo nos momentos de contemplação, Bernardo demonstra excepcional conhecimento das Escrituras, compreendendo por intuição suas revelações transcendentais.

Bernardo de Viridante, distinguido pela sua grande capacidade de renúncia, foi o primeiro discípulo de Francisco. Em seguida aparece Silvestre, surgindo depois Sebastino, Mórico, João da Capela, João de S. Constância, Leãozinho, Masseu e os demais.

Todos se caracterizavam pelo espírito de renúncia e pela humildade. Dir-se-ia que o grupo representava uma orquestra, cujos instrumentos eram as virtudes.

Embora o Poverello de Assis demonstre pouca cultura, todos o têm na conta de "pai espiritual", e dessa forma, convivem em perfeita união, trabalhando pela Causa impessoal e infinita do Cristo.

Ante qualquer dúvida ou desentendimento, se a palavra de Francisco não fosse suficiente, recorreriam em preces aos Céus, e então a harmonia voltava ao ambiente.

O princípio da unidade movia as consciências.

Francisco conhecia as sutilezas de sua missão. Diante de todos, ele era o próprio exemplo em pessoa. Sabia que a pregação apenas com palavras, assim com as obras tipicamente materiais têm importância secundária em face à construção do reino de Deus no espaço sagrado da própria alma.

Dialogando com os confrades, dizia: "Ainda é preciso, meus filhos, que sempre guardeis a paz nos vossos corações".

A equipe tinha absoluta consciência da responsabilidade assumida perante o Alto e, por isso, procurava trabalhar e viver em clima de entendimento, simplicidade e paz.

Francisco personificava a liderança natural. Jamais usou de qualquer artifício para impor suas idéias. Era uma lâmpada que simplesmente iluminava. Os que acorriam a ele eram atraídos pela luz de seu coração cheio de ternura e amor.

Assemelhava-se igualmente a uma gaiivota leve, delicada, corajosa e livre.

Reunindo outras gaiivotas, enfeitava os céus com seus voos matinais.

Vivendo na Terra, era sempre vista nos ares,

desenhando com suas asas paisagens de alegria.

13 - A ENERGIA DO AMOR

Gúbio estava em pânico. Seus habitantes inquietos e amedrontados. As ruas, de repente, se tornaram desertas. Em meio ao chacoalhar das andorinhas nas árvores, ouvia-se gritos de crianças e de mulheres. Portas e janelas eram fechadas apressadamente.

Nesse momento vai passando alguém na rua principal. Indiferente ao que acontecia em volta, prossegue sereno e imperturbável.

As mulheres, entreabrindo janelas, reconhecem o transeunte e passa a grita:

- Francisco!... Francisco!...

Nenhuma reação.

Ocorre que naqueles dias a cidade vinha sendo visitada por terrível lobo, que causava pandemônio.

Todos viram o animal se aproximar no topo de uma montanha. Aquela, portanto, era hora de novas ameaças, embora alguns homens já estivessem se preparando para combater a fera.

- Francisco! Francisco! Lá vem o lobo! Francisco! Cuidado! Cuidado!...

Mas, para surpresa de todos, o jovem, no seu traje exótico e andar sereno, seguiu em direção ao lobo.

E agora?

O filho de Bernardone estava consciente de tudo. Nada temia. Caminhava, então, ao encontro do animal como quem desejasse abraçar um amigo.

Assim que os dois se aproximavam um do outro, Francisco, transportado pelos mais puros sentimentos, abre os braços num gesto de profunda piedade.

O lobo, tocado por misteriosa energia, acalma-se, mantendo o olhar fixo naquele que parecia andar sobre nuvens.

Francisco, levando as mãos ao peito, ajoelha-se.

O animal, agora em passos lentos, vem e deita-se junto a ele. Quadro lindo, comovedor, sublime!

O Poverello acaricia demoradamente o "irmão lobo", falando-lhe ao coração sobre o amor infinito de Deus.

Consta que a partir daquele dia o lobo tornou-se manso como as pombas.

O amor é assim:

tudo vence, tudo sabe, tudo pode.

Transforma qualquer situação.

Faz sorrir ou chorar de felicidade.

Sorrir por amor é vislumbrar e transmitir as paisagens divinas da vida;

sofrer por amor é abrir o portal de ferro do egoísmo

e encontrar o espaço livre e luminoso da libertação espiritual.

Não há sombras que não possam ser dissipadas pela luz;

não há fera que não venha ser amansada pela força do amor.

Assim é o amor.

14 - PRISIONEIRO DA PAZ

A divulgação do Evangelho é tarefa das mais importantes, embora espinhosa. Aquele a quem foi concedida essa função deve buscar sempre inspiração nas Esferas do Invisível.

Assim pensava e agia Francisco de Assis.

Programou uma viagem à Babilônia na companhia de doze irmãos. Lá deveriam desenvolver palestras e trabalhos diversos em favor do povo.

Antes, reuniram-se em prece, sentiram-se tocados pela presença do Cristo e então puseram-se a caminho.

Escusado dizer do júbilo que lhes bafejava o coração nessas circunstâncias.

O percurso, embora longo e cheio de imprevistos, foi todo aproveitado em reflexões, diálogos, preces, palestras e visitas a enfermos.

Os franciscanos tinham por princípio a valorização do tempo em qualquer oportunidade.

Numa região de sarracenos havia um sultão temido pelo comportamento impetuoso e cruel que o caracterizava. Nos seus domínios territoriais não passavam católicos que não fossem torturados. Já haviam tido graves atritos com a Igreja e considerava desprezíveis seus seguidores.

Francisco fora avisado quanto ao perigo, porém, sintonizado com o Cristo, nada temia.

Chegando às terras do Sultão, percebeu imediatamente a gravidade do problema. Nos primeiros contatos com o povo sentiu a diferença psicológica e no segundo dia foi capturado, ele e seus confrades.

Passado alguns dias de cárcere, foram levados à presença do tirano, em cujo tribunal deveria ser lavrada sentença de morte para os "invasores".

Na hora do depoimento, Francisco, levantando-se serenamente, fez belíssima apresentação do Evangelho, distinguindo claramente o Cristianismo de Jesus daquele que o Sultão conhecia.

Afirmava:

- Jamais o Cristo apoiou qualquer forma de sectarismo, luxúria ou violência. Sua passagem entre os homens, representou poema de infinito amor... É a esse Mestre de misericórdia que procuramos obedecer, trabalhando pela paz entre as criaturas.

O comandante, fortemente impressionado, concedeu liberdade aos prisioneiros, sem impor qualquer restrição às atividades que eles pretendessem realizar.

Aliás, ficaram amigos.

Durante vários dias os "irmãos menores" permaneceram na Babilônia e mil maravilhas puderam ser constatadas. Em verdade eles não representavam o Clero Romano e sim o Cristianismo primitivo.

Ao final da missão, o governante convidou-o a novo encontro, quando então puderam conversar mais abertamente sobre os objetivos da Ordem Franciscana.

Em dado momento o Sultão, descontraidamente, pediu ajuda espiritual a Francisco, e eis a resposta:

- Eu não devo permanecer por muito tempo ainda neste corpo; em breve retornarei à Pátria Espiritual. Contudo, assim que chegar ao outro lado enviar-lhe-ei dois frades em ocasião oportuna.

Realmente, tudo ocorreu conforme a previsão.

Pouco tempo depois da referida visita, Francisco desencarnou. Aparecendo em seguida a dois frades pediu-lhes visitassem o velho líder dos sarracenos.

Assim que chegaram ao palácio souberam que o chefe andava muito doente. Encaminharam-se para o confortável aposento e o diálogo foi longo e agradável.

O ambiente, antes tenso e sombrio, torna-se calmo e sereno.

Dois dias depois o governante deixava o corpo à sepultura, tendo recomendado a todos não esquecerem os ensinamentos de Jesus.

**Os pássaros cantores, mesmo na gaiola, cantam,
e porque sabem e gostam de cantar, estão sempre livres.
Os cânticos da esperança e do júbilo
desceram-lhe novos horizontes de paz e luz.**

15 - A POESIA DO AMOR

A mediunidade, significando canal de comunicação como Plano Invisível, era constante das atividades franciscanas nos primeiros tempos, e isso prova mais uma vez a sua importância na mecânica evolutiva da humanidade.

Houve época em que Francisco tinha certa dúvida quanto ao seu trabalho de pregação evangélica. A fase não lhe estava sendo muito favorável, decorrência talvez de infiltração das sombras, tentando arrefecer o ânimo do líder.

Pensou cautelosamente e pediu a Masseo fosse consultar Clara de Assis e frei Silvestre - dois excelentes médiuns. Estes entraram em oração e, estando em lugares diferentes, receberam do Alto a mesma resposta:

"Francisco não veio ao mundo para cuidar dele mesmo. Sua missão é para o benefício de todos. Sua palavra é para o povo".

Assim que o Poverello obteve essa informação, saiu por diversas cidades, em tarefa de divulgação evangélica ao lado de Masseo; viagem, aliás, muitíssimo proveitosa.

Momentos de poesia e ternura sucediam-se em meio aos campos verdejantes.

Chegaram a um castelo de nome Savurniano. Francisco reuniu embaixo de árvores pequena platéia. Todos regozijavam-se com a oportunidade do contato com o já famoso pregador.

Mas, no instante em que Francisco começa a falar, o ambiente é invadido por um bando de andorinhas a chirlarem, inquietas como se quisessem demonstrar imensa alegria.

Aí o "pobre de Deus" faz pausa e lança-lhes o olhar cheio de doçura e pede silêncio. As pessoas presentes comovem-se às lágrimas.

As aves, tocadas pelo magnetismo do sublime poeta, silenciam de uma só vez, e o mais incrível é que todas permanecem ali mesmo, serenas com se também estivessem interessadas na explanação.

Esse fenômeno provocou grande impacto entre os habitantes do castelo e da circunvizinhança.

Como doutras vezes, não faltou quem quisesse prestar homenagens aos humildes visitantes.

Francisco, porém, recusando qualquer manifestação nesse sentido, segue com seu companheiro para as imediações de Armano de Bevagna.

**Agradabilíssima é a viagem
que faço pelos trilhos de meu mundo interior!
Quanto mais avança o comboio,
mais me entorneço com a beleza das paisagens!**

16 - UMA NOITE COM OS IRMÃOS MORCEGOS

Francisco sentia e amava a alma das coisas. Via Deus em tudo. Sua visão sobre o bem e o mal, a alegria e a dor, o nascimento e a morte, era muito alta, inatingível pelos cérebros condicionados do mundo.

O Poverello, em confiança com os amigos, dizia entender a vida dos pássaros, dos peixes, das plantas e de tudo, enfim. Enxergava a essência das coisas e percebia os sentimentos mais íntimos do coração humano.

Sem dúvida, quando o espírito se depura no cadinho das experiências milenares, sintonizando Deus em profundidade, passa a sentir o Universo no seu aspecto orgânico e espiritual; unidade na diversidade e perfeição latente em tudo; uma natural e contínua movimentação do Todo para o supremo reencontro com Deus.

Neste mundo tudo passa por caminhos diversos, buscando a Luz.

Francisco recebeu carta de **monsior** Hugolino, que queria vê-lo em Rieti. Embora estivesse doente dos olhos, partiu, reconfortado pela fé e pelo amor ao dever.

A viagem era longa, por isso preferiu pernoitar em São Damião, onde teria ensejo de falar com Clara de Assis.

Havia muita gente no convento e, não querendo incomodar ninguém, pediu para dormir num quarto velho semi-abandonado no quintal.

Assim que estendeu o corpo na cama improvisada e desconfortável, começou a chover. Logo surgiram pingueiras em todo o cômodo e, em plena escuridão, o "pobrezinho" rendeu-se ao imperativo do momento.

Hora de aflição.

Como se tudo isso não bastasse, apareceram subitamente morcegos, picando-lhe os olhos doentes. Procurou defender-se, porém não foi possível, porque chovia muito e estava praticamente isolado de todos.

Sem perder a calma, sentiu que se encontrava mais uma vez em prova determinada pelo destino.

Profundamente resignado, procurou imediatamente conversar com a noite, a dor, os bichos, encarando com amor a dura realidade daquela circunstância.

Abrindo o coração com humildade, abraçou a solidão, unificando-se amorosamente com o meio.

Imediatamente, sentiu-se aliviado. Transportado nas asas da oração, mergulhou a alma em vibrações suavíssimas. Nesse exato momento percebeu a aproximação de alguém - um ser vestido em luz - que lhe diz em tom de imensa bondade:

Francisco, na dor Deus fala ao coração, despertando as energias sublimes do amor. Sê forte! Jesus te ilumine!

Ouvindo estas palavras, o Poverello adormeceu para despertar em espírito numa esfera de harmonia e tranqüilidade.

No dia seguinte disse à irmã Clara que jamais houvera tido sonhos tão lindos como naquela noite inesquecível.

**A noite não merece minha preocupação,
porque me ocupo com o dia.
Ainda que eu seja visitada pelo
espectro das trevas,
trazendo seu cortejo sinistro, eu não temo;
permaneço no sublime delíquio do amor,
esperando a chegada do Príncipe
iluminado pelo esplendor da alvorada.**

17 - UMA NOIVA CHAMADA POBREZA

Existia em bucólica e longíqua região um jovem que vivia cercado de amigos, mas era solitário; tinha à sua disposição muitos lazeres, porém, sofria freqüentes crises de melancolia; possuía bens materiais e conforto, contudo, vivia insatisfeito; ocupava invejável posição social, entretanto, às vezes mostrava-se indiferente e apático; andava de festa em festa, cantando e dançando, mesmo assim, sentia-se irrealizado.

- O que estaria faltando a esse moço?

- Uma boa noiva! - respondeu alguém.

Isso mesmo.

Um dia o rapaz saiu para deleitar-se com as paisagens matinais. Havia sofrido misteriosas e profundas frustrações. De repente viu "alguém" chegar mansamente e o convidar para um passeio em lugares desconhecidos...

O convite foi aceito com espontaneidade.

Surge nova luz no caminho.

Saíram de mãos dadas, bailando por entre flores e pássaros.

Tudo mudou.

A noiva trouxe realmente ao jovem, carinho, ternura, apoio, tranqüilidade, amor e alegria.

O toque sutil de suas mãos despertava no mancebo as tendências da simplicidade e da pureza, da humildade e da candura; seu doce beijo descortinava horizontes de paz e libertação.

Foi assim que Francisco de Assis encontrou a perfeita felicidade ao lado de sua amada esposa Madame Pobreza.

Deixe-me sozinha.

**Os mercadores que passam em caravanas
carregadas de ouro e prata, me perturbam.
Deixe-me na cabana singela que aprendi a amar.
Aqui o córrego balbucia cantigas, as árvores dançam
e as crianças, brincando com barro,
escrevem poemas que me desvanecem todos os dias.
Por favor, deixe-me no paraíso de minha pobreza!**

18 - PRESENÇA DO CRISTO

Creemos que raríssimas vezes pessoas registraram a seu lado a presença do Espírito que na Terra ficou conhecido como Jesus Cristo.

O Mestre Galileu, pela sua incomparável evolução, assemelha-se a um sol; da dimensão onde se situa, irradia suas vibrações angélicas num espaço imenso.

O médium capaz de receber mensagens do Nazareno tem que ser alguém de apuradíssima sensibilidade.

Estavam os dozes primeiros discípulos reunidos em companhia do Poverello de Assis. O ambiente no convento de São Damião era de absoluta fraternidade. Raramente realizava-se reunião com a presença de todos.

Francisco dá início aos trabalhos. Sua prece é um jato de luz na direção do Infinito.

Os comentários são feitos em clima de perfeita harmonia. Os corações, entrelaçados, alimentavam-se reciprocamente, enquanto orvalho de paz descia sobre todos.

Em seguida puseram-se a refletir e meditar em torno das excelências do Evangelho. O silêncio em cada alma era profundo e melodioso.

Francisco costumava dizer que o homem precisa aprender a calar as suas ansiedades para ouvir a voz de Deus e sentir a beleza intrínseca das coisas.

O ambiente melhora ainda mais. Dir-se-ia que seres invisíveis ali entoavam cânticos de imorredoura alegria.

Lágrimas de sublime emoção rolavam em cada face, refletindo diferente luminosidade.

Nesse momento, ante suave especção, Francisco levanta-se e diz:

- Meus amados!...

Todos erguem a cabeça, observando que o "pobrezinho" estava transfigurado e sua palavra parecia tocada de misteriosa e doce energia.

- Meus bem amados irmãos - repetiu - para honra e felicidade de todos nós, acha-se presente neste recinto o nosso Senhor Jesus, cujo olhar lembra os alvares de ouro da aurora. Dando provas de Sua ilimitada misericórdia, deseja falar pelos nossos lábios.

Após pequena pausa, prosseguiu:

- Peço-vos que um a um se levante e fale. Seremos instrumentos do Grande Mestre. Louvado seja para sempre o Seu Nome!

Assim foi feito.

Transmitida a última palavra pelos discípulos em transe complexo e sutil, Francisco, visivelmente iluminado, faz-se veículo mediúnico do Cordeiro de Deus.

Esta última manifestação assemelhava-se a uma cascata de luz que pouco a pouco inundasse o mundo inteiro.

Vale lembrar que enquanto as comunicações anteriores tinham efeito, foi visto no recinto, em meio ao suave clarão, um espírito materializado, com aparência jovem e de peregrina beleza.

Jamais os "irmãos menores" ali presentes esqueceriam o divino encontro com o Doce Rei da Galiléia.

**Suntuoso é o palácio construído pelas mãos do sacrifício,
no planalto da própria alma.
Com as pedrarias da fé e com os lírios da humildade,
Francisco fez sua mansão e nela
muitas vezes recepcionou o Grande Rei.
Nesses momentos as estrelas brilhavam mais
e toda a Natureza cantava hinos de ternura e gratidão.**

19 - AS CHAMAS DO AMOR

Deselegante é falar de Francisco de Assis, olvidando o nome de Clara Scifi, cujo devotamento ao Evangelho atrai nossa maior admiração. Também oriunda de família nobre, não vacilou ante o convite do Cristo.

Se no Cristianismo de há dois mil anos, vemos em Maria de Magdala a coragem de renunciar aos prazeres mundanos para dedicar-se de coração à Causa do Senhor, no movimento franciscano dos primeiros tempos encontramos Clara de Assis, abandonando as regalias de uma vida jovem e rica, para consagrar-se aos labores da "santa caridade", sob a orientação do iluminado Francisco.

"A plantinha do bem-aventurado pai Francisco" em poucos anos de vivência evangélica dava demonstrações de elevado nível espiritual. Seu trabalho junto aos leprosos sensibilizava qualquer coração. Tratava os enfermos com palavras e sentimentos que refletiam claramente o espírito do Evangelho. E foi assim que desenvolveu sobremaneira a sua capacidade de amar.

Francisco deixava-a sempre livre de sua influência direta. Nos primeiros meses ofereceu-lhe orientação constante, por cartas e visitas pessoais, depois preferiu manter certa distância.

Houve quem considerasse estranho esse comportamento, mas ele esclareceu que daquela data em diante não deveria haver mais intermediários entre as "clarissas" e o Cristo. Nenhum sentimento de veneração pessoal deve misturar-se ao amor puro de Deus.

Clara, alma compreensiva e dócil, não obstante sentir-se intensamente atraída pelo coração amoroso de seu líder, mantinha-se serena, transferindo seus mais íntimos sentimentos para o Ideal Cristão.

Certa feita ocorreu-lhe o desejo de fazer uma refeição ao lado de "pai Francisco". Confienciou o fato a um amigo franciscano e deixou o tempo passar.

Anos depois, estando o "pobrezinho" em peregrinação na cidade de Assis, ficou sabendo da esperança acalentada por Clara. Pensou longamente e por fim decidiu ir ao convento de Santa Maria dos Anjos, no dia seguinte, para o esperado encontro.

Escusado dizer da imensa alegria que brotou dos corações quando da chegada dos visitantes ao ambiente sagrado das "clarissas". À hora do repasto, sentaram-se todos no chão, a pedido de Francisco, onde foi posta a alimentação.

Os dois, visivelmente felizes com a circunstância em vez de cuidarem de se alimentar, recomeçaram a falar das "coisas de Deus". As palavras de cada um soavam quais notas musicais, formando agradável melodia. Os demais participavam da conversação, concorrendo para a perfeita harmonia do ambiente.

Lá fora, o silêncio das paisagens entremeado pelo cantar dos pássaros.

Nessa hora os habitantes de Betona e Assis começaram a ver algo estranho em torno do citado convento. Pareciam chamá-los a se levantarem do telhado.

Muita gente, então, correu para ver o fogo de perto, ou apagar o possível incêndio; contudo, em lá chegando, constataram não haver fogo algum.

Em verdade, o clarão que todos observavam pro cedia do grupo que, em comunhão com o Cristo, falava das "coisas de Deus".

A combinação da aura magnética de Francisco, de Clara e dos demais que ali se reuniam, dera origem àquela manifestação de luz a se projetar no espaço infinito.

**Misteriosa e encantadora é a magia do Amor.
Enchi meu cântaro na fonte da grande aldeia.
Carreguei-o nos ombros, e não senti o peso
porque meus pés se me tornaram leves.
Quando ia longe encontrei-me com meu ídolo
e sentei-me para melhor contemplar sua presença.
Aí meu cântaro se transformou numa chama ardente
e eu que não pude recuar, fui loucamente tragado pela luz
que logo invadiu o mundo.**

20 - A CIÊNCIA DA HUMILDADE

Francisco, em verdade, representava oposição ao Clero e ao intelectualismo inoperante. Seu protesto pode ser comparado somente ao de Jesus, por ter sido feito em bases de humildade e renúncia.

A pregação desse sublime agitador era despida de qualquer formalismo litúrgico, teológico ou acadêmico. Falava às multidões, inspirado pelas hostes do Infinito, deixando em cada coração o perfume inebriante do Evangelho.

Segundo as anotações de Tomás de Celano, Francisco se expressava com desenvoltura. Ao contrário do que muita gente pensa, ele era eloquente e didático.

Quando falava sob inspiração direta do Cristo, parecia um anjo, lançando flores ao mundo.

Expunha o assunto com simplicidade, pureza e bondade, contrastando assim com os oradores convencionais da política e da própria igreja. Seu magnetismo sensibilizava as massas.

Numa coisa era radical: recusava qualquer homenagem ou honraria que o povo ou as autoridades lhe quisessem outorgar. Todo o bem procede de Deus - pensava ele.

Uma vez lhe perguntaram, porque todo mundo o procurava constantemente, prestigiando-o tanto.

Ele respondeu:

- Porque o Altíssimo Pai não encontrou entre os pecadores nenhum mais vil, nem mais insuficiente, nem mais pecador do que eu; e assim, para realizar esta operação maravilhosa, a qual entendeu de fazer, não achando criatura mais vil sobre a Terra; e por isso me escolheu e assim confunde a nobreza e a grandeza, a força e a beleza e a sabedoria do mundo; para que se reconheça que toda a virtude, e todo o bem é Dele e não da criatura, e para que ninguém se possa gloriar na presença Dele; mas quem se gloriar se glorie no Senhor, a quem pertence toda a honra e glória na eternidade.

Pensemos um tanto mais nas palavras acima.

A sabedoria e a bondade de Deus são infinitas... a condição humana é finita.

Inobstante, Francisco realizava maravilhas. Por que? Naturalmente o vaso estava limpo; assim podia ser usado facilmente pela potestades do Invisível.

O mundo sempre se deixou enganar pelas aparências e esmagar pelas realidades.

No nada Deus é tudo e em tudo Ele é a expressão do Todo. No pequeno Ele é grande e no vazio é plenitude.

Concluimos, pois, com Francisco de Assis, que a humildade é chave que abre a porta das grandes realizações no campo do espírito.

Vi o Céu numa rosa orvalhada.

Vi o Céu na criança que passou sorrindo.

Vi o Céu na luz ofuscante do Sol,

na claridade prateada do luar, no voejar das borboletas.

Vejo o Céu nos desenhos de espuma do córrego

onde estou a meditar.

Envergonhado de ver minha veste amarrotada de vulgaridades,

fecho os olhos, dizendo:

Senhor, eu não sou digno.

Ainda assim, adormeço e tenho sonhos lindos,

tão lindos que não consigo traduzir.

Senhor, eu não sou digno

21 - CORPO E ALMA

"O corpo é a nossa cela; e a alma é o eremita encerrado nela para orar a Deus e meditar nele."

Duas realidades entrelaçadas quais dois ramos de árvore crescendo para o céu:

O corpo físico e a alma.

No corpo estão atrativos e traços de conquistas e quedas; na alma residem as capacidades criativas e transcendentais. O primeiro, no seu todo, é matéria, transitória e decomponível; o segundo é consciência imponderável e eterna. O corpo é instrumento de resgate e reflexão; a alma é o ser que medita e se corrige. O primeiro é cadeia que condiciona e regenera para libertar; o segundo é prisioneiro carente de corretivos e ascensão.

O encarcerado rebelde e frívolo é o que se deixa dominar pelas contingências da prisão; porém, o detento cauteloso e manso é o que procura viver nas alturas do seu mundo interior, sem se agastar com as grades que lhe constituem barreira temporária.

Feliz, pois, a alma que sabe aproveitar a reencarnação, construindo com sabedoria e amor o futuro de paz!

**Um par de namorados caminha pela longa estrada do destino.
Por onde passa há sempre muitas diversões
com as quais ela se emociona em demasia retardando a viagem.
Ele, cedendo aos desejos da companheira,
sofre, porque seu coração espera a felicidade sem desilusão.
O entendimento prazeroso fora impossível,
então, o viandante, melancólico e solitário,
sem olhar para trás, com os pés sangrando e
a consciência tranqüila, prossegue na jornada de ascensão.**

22 - INIMIGOS

"Cuidado com os adversários visíveis e invisíveis."

Adversário é aquele ou aquilo que tem comportamento oposto ou contrário. Existe o que aparece ostensivamente e o que se oculta.

Vaidade, egoísmo, preconceito, inveja, ciúme e outras tendências da personalidade são caracteristicamente contrárias ao Bem; por isso rivalizam com a consciência que busca Deus.

Descobrir e comentar os defeitos alheios, é sempre fácil; mas, detectá-los em nós mesmos, geralmente é difícil.

Por outro lado, as criaturas que nos antipatizam ou perseguem, consideramo-las "visíveis"; contudo, aquelas desencarnadas que têm o mesmo papel, são "invisíveis".

O ser humano precisa precaver-se constantemente contra toda e qualquer manifestação do mal.

Toda obra deve ter base. A justa defesa ante os inimigos tem de partir de nós mesmos, e os verdadeiros inimigos estão sempre camuflados no matagal do orgulho que ainda acalentamos na alma.

Fica, pois, demonstrada a sabedoria de Francisco de Assis em recomendar "cuidado com os adversários visíveis e invisíveis."

**Fui negligente em não providenciar azeite
e acender a lâmpada.
Fiquei a sós, entregue às sombras.
Sofri desesperadamente.
Inimigos invadiram minha casa.
Oh! Meu Deus, deixei as portas abertas!
Não fora o amanhecer da misericórdia divina,
os salteadores teriam profanado meu corpo
e adulterado minha alma.**

23 - POBREZA - CASTIDADE - OBEDIÊNCIA

Eis os três votos de Francisco.

Será mesmo possível alguém viver em absoluta fidelidade a esses princípios? Não será isso utopia?

Em nome da própria verdade, poder-se-ia argumentar da seguinte maneira:

Pobreza é o oposto de riqueza, e se riqueza é progresso, logo pobreza pode ser decadência; pobreza é o contrário de conforto, e se conforto é bem-estar e bonança, logo, pobreza pode ser sofrimento e miséria.

Castidade é oposto de prazer, e se prazer é alegria, logo castidade pode ser tristeza; castidade é o contrário de fertilidade, e se fertilidade é crescimento e renovação, logo castidade pode ser atrofiamento e distorção.

Obediência é o oposto de comando, e se comando é determinação, logo obediência pode ser debilidade; obediência é o contrário de liderança e se liderança é coordenação e autoridade, logo obediência pode ser descontrole e fraqueza.

Este argumento é respeitável, porém, tendencioso e falho.

A razão mais alta, bafejada pelo amor, interpreta os três votos de outra forma:

Pobreza é riqueza, porque a alma vazia de preocupações materiais é invadida de valores espirituais; pobreza é evolução, porquanto o ser, livre do complexo de posse, passa a viver a sua realidade intrínseca, consciente da sua natural função no Universo.

A pobreza consciente não representa dor nem miséria. A riqueza dos homens que não sabem ser pobres é que produz fome e revolta. Quando os ricos do mundo decidirem ser pobres, isto é, desapegados, os bens da vida serão melhor distribuídos e haverá mais alegria em todos os corações.

Castidade é alegria, porque o espírito comedido e educado nas suas expansões, harmoniza-se com a Lei Natural e passa a desfrutar de prazeres em outra dimensão; castidade é fecundidade, porquanto a pessoa devidamente amadurecida, pode transferir seu potencial de energias para grandes realizações no campo da espiritualidade.

A castidade consciente não representa atrofiamento, nem degradação. O homem casto por maturação espiritual, de livre vontade, integrado com amor em tarefas de benemerência, é alguém capaz de contribuir largamente para a evolução do mundo.

Obediência é comando, porque não se trata de subordinação cega, servilismo. Obediência consciente é autodeterminação diante da Vontade de Deus.

Obediência, segundo o Evangelho, não significa desajuste ou fragilidade; é a virtude-harmonia que favorece o perfeito funcionamento do Todo Universal. Quem obedece revitaliza suas forças internas, conquistando a simpatia dos semelhantes e a proteção do Pai.

Numa sociedade em que todos saibam obedecer, as frentes de liderança aos mais obedientes. Estes inspiram mais confiança e estão mais afinados com a ordem da vida.

Alguém já disse que a razão é bule de duas asas: pode ser usado com a mão esquerda ou com a direita.

A civilização do futuro terá esta tônica: os cargos e as funções serão ocupados de acordo com as qualidades internas do homem.

O movimento franciscano, portanto, significou um clarão de valores incontestáveis.

Os três votos de Francisco de Assis foram os instrumentos de sua auto-realização.

Ocultei em terreno infértil a semente de meu desejo para que nunca viesse a germinar.

Ao lado construí minha cabana.

Aguardei alguns dias, e vi que minha semente havia morrido, porque a terra não apresentou qualquer sinal.

Mais tarde, porém, quando eu me achava distante, entregue às divagações de uma vida inoperante, a semente brotou, transformando-se em árvore, cujas raízes demoliram minha morada.

Aprendi, desse modo, que as energias da alma não morrem, nem devem ser estioladas, e sim desenvolvidas na atmosfera do Bem.

24 - PARÁBOLA DE FRANCISCO

Seguem pela estrada infinita do destino, dois homens, ansiosos por alcançar a perfeita alegria.

Conheciam a vida dos grandes seguidores do Cristo, por isso, acreditavam ganhar o máximo de elevação, pelos exemplos de santidade. Onde estivessem, visitavam enfermos e velhinhos, desamparados, com legítimas demonstrações de carinho e afeto.

Assim viveram longo tempo, mas não conquistaram a perfeita alegria.

Tomaram caminho diferente, graças à faculdade de cura que se lhes desabrochou. Impunham as mãos sobre doente de várias procedências, devolvendo-lhes a tranqüilidade.

Dessa forma passaram-se os anos, mas ainda não atingiram a perfeita alegria.

Decidiram seguir por outra senda. Estudaram e pesquisaram bastante até auferir vasta cultura. De cérebro iluminado pelo saber, passaram a distribuir preciosas informações, beneficiando a milhares de criaturas.

Nessa tarefa permaneceram por muito tempo, porém não alcançaram a perfeita alegria.

Após demoradas reflexões, pediram aos céus outros instrumentos de redenção. Tornaram-se então visionários, podendo fazer notáveis previsões, e auxiliaram a uma infinidade de pessoas.

Debalde. Não atingiram o objetivo.

Desenvolveram outras capacidades - o conhecimento dos enigmas da Natureza, a oratória vibrante, a liderança; todavia, continuaram em labirinto de inquietações e deficiências.

Um dia esses homens, exaustos de decepção e luta, agradecidos pelas passadas oportunidades de trabalho e depuração, rogaram a Deus uma rota em que pudessem encontrar definitivamente a sonhada perfeição.

Ei-los numa velha e pedregosa estrada.

É noite e começa a chover. Correm em direção a uma casa. Molhados e cansados, batem à porta. Aparece um cidadão na janela e trata-os com aspereza e injúrias, considerando-os marginais.

Submissos à vontade de Deus, insistem, pedindo ao dono da casa abrir a porta. O homem resolve sair e espanca-os, com gritos e empurrões.

Os visitantes, sentados no chão, mantêm-se pacientes e serenos. Com certa dificuldades, ajoelham-se, agradecendo aos Céus, mas, ato contínuo, recebem pontapés e são torturados demoradamente ao relento, enquanto chove.

O proprietário da residência, enfurecido, afasta-se; os peregrinos, porém, imperturbáveis, elevam novamente o coração ao Pai Supremo e agradecem com a mais absoluta humildade.

Nesse momento os dois adormecem e vêem surgir no horizonte o **anjo** da paz eterna, que imediatamente os envolve no seu manto prateado.

Em seguida, despertam, e seus olhos brilham como pérolas que refletissem a serenidade dos campos em manhã de primavera.

Finalmente, concluíram: Estamos livres do mal que habitava em nosso próprio coração. Vencemos a nós mesmos. Mergulhemo-nos, pois, na luz da perfeita alegria.

Conhecimento e dons

podem ser simples empréstimos ou conquistas superficiais;

porém, a virtude, rigorosamente considerada,

é força interior, substancial, luz eterna.

25 - OS HANSENIANOS

A ignorância humana, no passado, deu às vítimas da hanseníase a mais descabida, preconceituosa e grosseira designação: Imundos.

Toda enfermidade do corpo é secundária diante das degenerescências da alma. Qualquer distúrbio da patologia convencional não passa de reflexo dos problemas internos das criaturas.

A aparência da hanseníase é, por si mesma, prova e desafio à capacidade moral das pessoas. Sua expressão de dor tem, como geralmente ocorre, o papel de reequilibrar as forças da alma.

Hoje, graças ao avanço da ciência, esse lamentável preconceito que, aliás, se alimentava de superstições e vaidade, tornou-se ridículo. O hanseniano, de qualquer grau ou tipo, é passível de tratamento com evidentes possibilidades de estagnação ou cura.

Consideramos essa doença, cuja transmissibilidade nunca ficou provada, uma resposta da Lei Divina ao clamoroso orgulho de certos espíritos. Mas, reeducada a consciência, desaparece o mal.

A falange espiritual que orientava Francisco de Assis demonstrou essa realidade no caso que se segue.

Os portadores dessa enfermidade eram tratados pelos "irmãos menores" com muita compreensão e afeto. Recebiam visitas constantemente.

Certa ocasião, um deles demonstrava muita revolta e freqüentes crises de obsessão. Os frades não puderam trata-lo à contento. Caso melindroso. O infeliz recusava qualquer ajuda. Então recorreram a Francisco.

No dia imediato o tratamento teria um toque diferente. O doente amanheceu estranhamente calmo. E ao doce olhar do apóstolo não houve qualquer negativa. Passou a ouvir as palavras de Francisco, demonstrando deslumbramento.

Em seguida obedecendo orientação afetuosa, despiu-se para um banho. Todos os circunstantes, despiu-se para um banho. Todos os circunstantes ficaram impressionadíssimos com o quadro de piedade e ternura.

Francisco passa levemente as mãos em seu corpo chagado e a doença vai desaparecendo... a emoção toma conta dos corações. Momentos depois, ambos se abraçam em lágrimas de indizível alegria. Em seguida, erguem a frente aos Céus e agradecem a Deus.

Conta **I Fioretti** que poucos meses depois da cura o homem desencarnou e, imediatamente apareceu a Francisco para lhe agradecer.

Uma ave molhada, trêmula, ao relento, é uma ave; nasceu para voar.

Uma pérola enterrada é uma pérola; nasceu para brilhar.

Uma flor despetalada pela violência da tempestade, continua sendo flor.

Um poema abandonado ou esquecido

pela insensibilidade humana, será sempre um poema.

Assim também a alma;

mesmo vestida de chagas, é centelha divina que ama e precisa ser amada.

26 - UM ESPÍRITO MISTIFICADOR

A mediunidade - repetindo o pensador - é bule de duas asas: pode ser usada com a mão direita ou com a esquerda.

A Doutrina Espírita, na sua extraordinária função educativa, elucida magistralmente essa questão. A exemplo, vejamos o problema da mistificação.

Já se sabe que o mais importante não é o nome ou a aparência com que um Espírito se apresenta, e sim a sua mensagem e a sensação que deixa no médium e no ambiente.

No trato com as pessoas desencarnadas é indispensável o bom senso. Enganadores e brincalhões existem em toda parte e nos dois planos da vida, tentando confundir as criaturas e semear discórdia. Por isso Paulo de Tarso dizia: "Reparai se o Espírito vem de Deus."

Frei Rufino gozava de excelente reputação. Era um exemplo de cristão.

Em certa ocasião desabrochou-lhe a vidência, passando assim a ter mais contato com o Plano Espiritual. Embora apreensivo com a nova experiência, mantinha-se confiante na proteção divina.

Um dia apareceu-lhe uma entidade vestida à nazarena. E logo identificou-se com o nome de Jesus, o filho do carpinteiro José.

Rufino, intensamente sensibilizado com a inesperada visão, ajoelhou-se e exclamou:

- Estou a vosso dispor, Mestre!

O Espírito, sorridente, respondeu:

- Rufino, meu filho, quero apenas esclarecer-te quanto à verdadeira situação tua e de teus companheiros. Estás completamente enganado. O meu evangelho jamais recomendou sacrifício ou reforma moral como meio de redenção. Não compete a nenhum dos homens melhorar a situação do mundo. Se eu mesmo não logrei esse objetivo, que diríamos dos teus pobres e ineficazes esforços? Abandona, pois, essa Ordem tola e vive a realidade! O mundo está cheio de alegrias fáceis. Faz o que te digo e aguarda o tempo!

Frei Rufino ficou muito impressionado com a manifestação. Pôs-se a pensar e no dia seguinte o fato se repetiu.

Aos poucos uma sensação de desânimo invadiu sua alma ao passo em que começava a sentir antipatia pelos seus confrades.

Acontece, porém, que Francisco também teve oportunidade de ver o Espírito enganador que já estava alterando o comportamento de Rufino.

O "pobrezinho" convidou o irmão para uma conversa séria, mas não foi fácil mudar a situação.

No dia seguinte, em novo diálogo, Francisco conseguiu bloquear as reações de Rufino:

- Meu irmão muito amado, eu vejo que a influência desse Espírito te deixou desanimado e inquieto. Já não te apresentas tranqüilo e feliz como antes. Admites, então que essa influência seja benéfica? Ora, se realmente estivesses sendo visitado pelo Cristo, teu estado de espírito seria bem outro. Não acha?

Rufino abaixou a cabeça e não deu qualquer resposta.

O Poverello, aproveitando o silêncio, segurou-lhe pelo braço e concluiu:

- A maneira de distinguirmos o Espírito mal do bom é pela sensação que deixa em nós. Vejo que ficaste fascinado e indisposto a qualquer manifestação do bem. Desperta, pois, meu filho, e retorna às claridades do Evangelho!

Francisco silencia enquanto Rufino soluça, vertendo lágrimas de arrependimento e renovação.

Estranho visitante, dizendo-se mercador, tirou da bolsa muitas jóias e espalhou-as na mesa.

Quis vende-las a qualquer preço, mas eu, sem perder a tranqüilidade, disse-lhe:

- Eu conheço pedras preciosas e sei perfeitamente distinguir as falsas das verdadeiras.

Por acaso não sabes que o meu Senhor é proprietário de inesgotável e legítima riqueza?

Por ventura desconheces que eu moro com Ele e sou seu herdeiro?

O visitante, coberto de vergonha, deu-me as costas e saiu na direção de outras aldeias.

27 - OBSESSÃO NO CONVENTO

A Porciúncula, impropriamente chamada de convento por biógrafos e historiadores, sendo a casa Mãe da Ordem Franciscana, constituía-se centro de interesses e atividades de sérias e graves implicações.

Quando Francisco, nos primeiros dias de seu apostolado, visitou-a, sentiu um misto de tristeza e otimismo. A "casa de Deus" estava, de fato, em ruínas, refletindo assim os conflitos e desvios humanos; mas ele ali postava-se de pé, disposto ao trabalho da necessária restauração.

Mais tarde, estando o Movimento já dinamizado em toda parte, Francisco viu um grupo de Espíritos malévolos cercando a Porciúncula e querendo invadi-la. Pareciam vândalos, sedentos de destruição.

Entretanto, a casa tinha proteção espiritual. Havia em torno dela um halo magnético a impedir que os inimigos invisíveis penetrassem. Mesmo assim, perserveraram no cerco como se aguardassem oportunidade favorável às suas intenções.

Francisco, tendo observado o quadro, orou muito, entretanto, nesse ínterim, dois frades se desentenderam e imediatamente um deles foi atacado pelas entidades trevosas.

Infelizmente deixaram os flancos abertos e o mal avançou.

O irmão diretamente atingido pelos obsessores caiu em ostensivo desequilíbrio e adoeceu.

Francisco que conhecia os meandros do problema, reuniu um grupo em preces fervorosas, impões as mãos sobre o "enfermo" e, depois de algumas horas, o homem levantou-se do leito e o ambiente voltou ao normal.

Ocorrências dessa natureza lembram a recomendação do Cristo: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação."

**Filho, teu coração é uma planta.
Não a deixes ressequida por falta de cuidados.
Rega-a sempre com o nutriente do Amor.
Não permitas que ervas daninhas germinem
no canteiro de teu destino.
Filho, tens a teu dispor
sol e chuva - sabedoria e amor.
Cuida bem de tua planta!**

28 - PÃO E AMOR

Francisco ensinava sempre aquilo que ele mesmo já havia experimentado. Por isso sua voz saía da alma e tinha maior poder de persuasão.

Certa feita ele e frei Masseo decidiram viajar com destino a província da França com a finalidade específica de pregar o Evangelho.

Agradáveis excursões! Dispensavam malas de roupa, dinheiro, burocracia, publicidade. Viviam em espírito, evitando quaisquer aparatos que pudessem obscurecer a mensagem cristalina do Cristianismo.

Numa determinada cidade tiveram de mendigar. Geralmente o suprimento conseguido num lugar era suficiente para vários dias.

Seguiram depois para a refeição num local onde havia grande pedra ao lado de árvores e fontes. Sobre essa laje, puseram o mantimento.

Posta a "mesa", Francisco aproveitou o ensejo e fez excelente comentário sobre a pobreza. O próprio Masseo confessa ter ficado muito sensibilizado com os conceitos emitidos pelo "pai Francisco". Pobreza material pode significar riqueza noutra dimensão. O pobre bondoso, humilde e contente é sempre uma alma rica.

No dia seguinte, visitando outra cidade, entraram numa igreja singela. Os dois puseram-se a orar em altares distintos.

Minutos depois, Francisco cai em êxtase e chama Masseo pelo pensamento. Fios invisíveis ligam um ao outro, permitindo comunicação telepática nítida e agradável.

O ambiente nessa hora impregnou-se de luz, enquanto os dois buscavam-se reciprocamente.

Fiéis que se encontravam no recinto, ficaram atônitos.

Posteriormente Masseo, declara que da boca de Francisco parecia sair "chamas de amor". E diz ainda: "com o seu hálito fui suspenso e mantido no espaço por algum tempo e pude experimentar a mais indescritível doçura na alma."

Os trabalhos de divulgação evangélica e assistência a enfermos prosseguiram. Dias intensos. Por onde passassem deixavam rastros luminosos.

Retornando à Úmbria sentiram-se especialmente renovados e dispostos ao ministério de fraternidade a que se dedicavam.

Suntuoso é o templo que freqüentas, alma eleita!

Vistoso é o gazofilácio em que depositas tuas oferendas.

Artístico e majestoso é o altar

a que projetas teus sentimentos de comunhão e prece.

Teu coração é todo esse espaço.

Seque, pois, visitando esse oráculo de tua própria alma,

e que tua vida esteja constantemente ornada

com coroa de jasmim a simbolizar teu matrimônio com Deus!

29 - NO MONTE ALVERNE

Foi no castelo de Monte feltro que Francisco conheceu monsiior Orlando de Chiusi di Casentino, residente em Toscana, que, impressionado com o exemplo do apóstolo, ofereceu-lhe um monte de sua propriedade, imaginando que o mesmo pudesse ser útil às atividades da Ordem.

Tudo devia estar sob controle do Alto.

O referido monte não era outro senão o Alverne, a uma milha do castelo de Chiusi, onde morava **monsior** Orlando.

Aproximava-se a data da Quaresma de São Miguel Arcanjo. Francisco, contente com a doação, planejou fazer sua penitência no abençoado recanto e, para isso, convidou três dos seus diletos irmãos: Maseo, Ângelo e Leão.

Nessa viagem, registraram-se maravilhas: contato com Espíritos Superiores(santos), passarinhos pousando nos ombros do "pobrezinho", curas, alegrias sucedendo alegrias.

A penitência consistia de jejum, silêncio, reflexões evangélicas, preces. O grupo tinha em mente apenas uma aspiração: sentir em plenitude a presença do Cristo.

Logo que se instalaram numa gruta Francisco passou a fazer meditações a sós, num bosque próximo. E isso acontecia sempre à noite.

Entre o local e a gruta havia pouca distância, entretanto, ficou combinado que quando alguém, por imperiosa necessidade, fosse à sua procura, deveria chamar seu nome até três vezes. Não havendo resposta, a pessoa teria de retornar.

Numa noite, porém, seguiu frei Leão para o bosque, precisando falar urgente com "pai Francisco". Gritou-lhe o nome três vezes e não houve resposta. Mas, movido por certa curiosidade, avançou, entre as árvores e, após andar uns cem metros, eis o impacto: viu Francisco, de braços abertos, face voltada para cima, transfigurado e banhado em luz... luz que parecia descer do Infinito.

Leão, aturdido com o fenômeno, recua lentamente e volta ao convívio dos companheiros, passando a narrar o que acabara de ver.

Pouco tempo depois chega Francisco e, ainda sob profunda emoção, teve de abrir o coração e falar aos irmãos do sublime encontro que acabara de travar com o Divino Mestre.

Em momento de profunda contemplação, sua alma desdobrou-se pelo espaço sem-fim, sua sensibilidade alcançou elevadíssima dimensão, e então percebeu a aproximação de uma grande luz. Apurou a visão já quase ofuscada e observou que esse foco luminoso tomava forma de um crucifixo cintilante. Parecia feito de estrelas. De braços estendidos no centro das luzes, configurava-se o Excelso Mestre.

Tão intensa, real e profunda foi a sintonia entre Francisco e o Cristo, que os dois se unificaram plenamente.

Dir-se-ia que o Poverello diluiu-se na vibração angélica de Nosso Senhor.

Nesse momento Francisco teve um delírio e perdeu o sentido. Ao despertar, imediatamente percebeu os estigmas do Cristo no seu corpo. Assim todos puderam constatar a veracidade e a beleza daquela interação de forças cósmicas.

Após a narrativa, fez uma pausa e mostrou as mãos aos amigos que, inclusive, puderam perceber que das chagas emanava intenso perfume de rosas.

Um rouxinol admirava as estrelas cadentes.

Passava noites a fio contemplando o céu, à espera de algum astro errante que descesse riscando o espaço.

Numa noite cálida, quando o pássaro subiu ao monte, estando a sós, fitando o azul profundo da imensidade.

Subitamente percebeu o cair de uma estrela.

Dessa vez o fenômeno se mostrou mais nítido.

O astro partiu em direção ao monte e o rouxinol, trêmulo de emoção, levantou as asas e tentou ir a seu encontro.

A graciosa ave, em pleno êxtase, lançou-se, pois, à luz e nela permanece para sempre.

30 - A DESPEDIDA

No bosque da Porciúncula repousava o humílimo servo do Cristo. Enquanto a "irmã dor" impiedosamente corroía seu organismo, ele, resignado e sereno, aguardava a "irmã morte" que horas depois deveria transportá-lo aos páramos da Eternidade.

O recinto envolvia-se no manto da tristeza. Ninguém queria aceitar a vida sem a presença do bondoso e meigo Francisco, que tantas lágrimas havia enxugado no mundo.

Aliás, mesmo ali, na hora extrema, ele dava provas de seu grande valor espiritual.

Pode parecer incrível, mas o fato é que no leito de morte o Poverello de Assis descontraía o ambiente com palavras de esperança e alegria.

Oportuno lembrar o antigo provérbio: "Quando tu nasceste, todos sorriam, somente tu choravas; vive de tal forma que quando morreres, todos chorem, somente tu sorrias."

Assim Francisco, esperava o momento de retornar à esfera de luz de onde houvera descido há quase meio século, a fim de trabalhar pela reconstrução espiritual da Igreja e da Humanidade; a Igreja que se afastara de Jesus e até hoje teima em substituir os valores espirituais do Evangelho, pelas riquezas e títulos transitórios.

Agora, por efeito da sua desconexão fisiopsicossomática, rememorava todo o passado de sacrifícios e lutas, realizações e conquistas, dores e venturas. Sua consciência ia reativando os efeitos morais da recapitulação mnemônica e banhava-se de tranqüilidade e paz. Uma sensação de eterna felicidade começava a invadir sua alma, dominando-a por completo.

Nesse transe, Francisco, reunindo suas últimas forças físicas, abre os olhos, respira fundo e passa a recitar os salmos de sua predileção.

Cai a tarde de 3 de outubro de 1226. O missionário ante a perplexidade das pessoas presentes, dá nova demonstração de vigor espiritual. Ao ouvir suave música a vibrar no espaço distante, move os lábios lentamente e passa a declamar:

"Ao Senhor brado a grandes vozes. A grandes vozes imploro o Senhor.

Expando em Sua presença a minha inquietação, diante dele exponho a minha angústia.

Quando ansioso se agita o meu espírito, Vós conheceis o meu caminho.

A vós, Senhor, clamo. Eu digo: Sois meu refúgio, meu quinhão na terra dos vivos.

Atendei ao meu brado. Extrema é a minha miséria.

Livrai-me dos meus perseguidores, porque são mais fortes do que eu.

Tirai-me da prisão, para que eu agradeça ao vosso nome.

Os justos hão de acorrer ao redor de mim, quando me fizerdes este benefício."

Cessou o cântico do moribundo. Sua face fica lívida, enquanto seu corpo, pouco a pouco enrigesse. Ouve-se, então, íntimo suspiro e em seguida desce a cortina do silêncio.

Antes que alguém dissesse palavra ou provocasse qualquer ruído, surgiu, estranhamente, uma revoada de cotovias, saltitando no telhado com graciosos cantos.

Dir-se-ia que orquestra de maviosos pássaros vindos das matas virgens, recepcionava o "trovador de Deus" nos portais gloriosos da Eternidade.

Realmente comovedora a desencarnação de Francisco!

Deixa o corpo somático como a falena desenfaixando-se do casulo.

No leito humilde, forrado com alvo lençol, a vestimenta fisiológica, prematuramente desgastada; flutuando no ambiente, o Espírito, de olhos muito abertos, deslumbrado ante as claridades em forma de orvalho a descer do Infinito.

O desencarnante, reconfortado pelas energias de gratidão e afeto de milhares de almas, agora deixa-se atrair por misteriosa força que pairava nas Alturas.

Desligando-se definitivamente do fardo carnal, tenta voitar e consegue.

Entre tímido e perplexo com o inusitado, dá vazão aos impulsos sublimes de sua alma, deixando extravasar a ânsia de libertação por tanto tempo acalentada, e parte no rumo do firmamento.

Mas, assim que recobra a plena lucidez, tem a indizível surpresa de ver à sua frente a imagem luminosa do Divino Mestre.

O Senhor, desatando sorriso de ouro, esparze com as mãos cintilações angélicas e diz:

Vem Filho! Venceste as últimas provas no trajeto de tua evolução planetária. Cumpriste mais uma missão de sacrifício e amor. Vem! Eu te abençoo para sempre! Filho, ouve! As aves do céu te saúdam!

As portas de minha casa estavam fechadas, fazia tempo.

Recolhi-me, porém para diferente e necessário sono.

Senti espasmo de renovação total.

Quando, enfim, acordei,

pensei que estivesse no país maravilhoso dos sonhos.

Durante a noite alguém veio e abriu as portas de minha casa.

Despertando-me timidamente, fui avisado

por um bando de passarinhos, e eus os abracei com o coração.

Antes que agradecesse às irmãzinhas em festa,

passei a ouvir suavíssimas sonata

de flauta que meus olhos, marejados de alegria, não puderam ver.

Minha voz foi embargada por inefável emoção

e mesmo assim saí cantarolando entre nuvens coloridas.

Vibra m minha alma uma música sem princípio nem FIM.